



Zoom // Entrevista

Belén de Vicente. “Todos os nossos alunos conseguem emprego”

A vida de um gestor está cada vez mais complicada, o The Lisbon MBA, um dos melhores do mundo, treina-os para ambientes hostis

NUNO RAMOS DE ALMEIDA
nuno.almeida@ionline.com

Hoje à noite se saberá se o The Lisbon MBA vai ganhar o prémio de inovação da AMBA, associação que premeia os melhores MBA do mundo. Pela primeira vez, um curso destes promovido por universidades portuguesas pode ser considerado o melhor do mundo. O The Lisbon MBA é uma criação da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade Católica, em parceria com o reputado Massachusetts Institute of Technology. Falamos com Belén de Vicente, a directora-executiva deste projecto, que criou os Friday Forum, onde os gestores são obrigados a actuar perante audiências hostis, a escrever notícias e a cantar o fado em inglês...

Fez o MBA na Universidade Católica?
Fiz o MBA na Católica. O meu percurso profissional começa como engenheira de sistemas, trabalhando muitos anos em consultoria em Portugal e Espanha. Depois de 15 anos de consultoria, uma vida muito intensa em que é preciso muita disponibilidade, pensei fazer um MBA para me ajudar a fazer uma inversão de carreira para uma outra área, em que eu conseguisse acrescentar valor e ao mesmo tempo me sentisse bem. Fiz o MBA e na sequência disso fui convidada para a direcção do programa. Isto aconteceu dois meses antes da pareceria com a Universidade Nova. De facto trabalhei pouco tempo com o MBA da Universidade Católica. Comecei logo a planear o lançamento deste produto conjunto entre as duas escolas que envolvia o MIT (Massachusetts Institute of Technology) na versão internacional. **Entre o MBA que fez em 2006 e o Lisbon MBA de 2011 há muitas diferenças?** Há muitas diferenças. Não na parte académica, as duas escolas têm um conhecimento e uma experiência enorme e sabem muito bem o que devem passar aos alunos a nível académico. O que é diferente é a experiência em si, sobretudo a componente internacional e a aposta em aprofundar competências interpersonais. Neste último campo já existia alguma experiência, mas chegou-se à conclusão que as empresas valorizam

muito mais estas competências do que aquilo que se pensava anteriormente. O MBA desenvolveu uma série de uma forma estruturada e inovadora para dar resposta a esta necessidade.

É nesse âmbito do desenvolvimento das competências interpersonais que surge o Friday Forum, uma espécie de desafio semanal aos alunos, pelo qual o Lisbon MBA é finalista entre os melhores MBA do mundo?

Exactamente, mas antes de abordar esse aspecto eu gostava de esclarecer a importância da componente internacional. Nós medimos o nosso grau de internacionalização de várias maneiras. Medimos nas actividades que fazemos: quantas actividades acontecem em Portugal e fora do país. É muito relevante dizer que o MBA é em Portugal mas que há três meses desses 12 que as pessoas passam fora de Portugal, um deles nos EUA, no MIT, e os outros dois meses ou no Brasil ou na China, se fizerem um lab internacional ou um estágio que pode ser fora de Portugal. Por outro lado, a internacionalização também se mede pelo corpo docente. Quantos professores estrangeiro é que nós temos? Os professores que dão as cadeiras-base são professores da Universidade Nova e da Católica. Para as cadeiras de opção buscamos professores que vêm de escolas do mundo fora que trazem competências muito específicas. Na componente corpo discente, as coisas mudaram radicalmente. No meu tempo havia apenas quatro ou cinco alunos estrangeiros na turma, enquanto agora 31% dos inscritos são estrangeiros e vindos directamente dos seus países de origem. Não estrangeiros que estão em Portugal e que trabalham cá e vão frequentar um MBA, mas estrangeiros que estavam nos seus

O The Lisbon MBA tem mais de 80% dos alunos empregados ao fim de três meses. Ao fim de seis todos têm trabalho

países e escolheram frequentar este curso. Outra variável do grau de internacionalização é a colocação dos alunos. Hoje é muito importante dar a oportunidade de um aluno ficar cá ou ir para fora. Deve ser ele a escolher. É uma decisão privada, mas tem de haver a possibilidade de se o aluno estiver interessado em fazer uma carreira internacional poder fazê-la. **São vocês que geram directamente estas oportunidades? Há um trabalho de colocação de pessoas?**

Nós não somos uma agência de colocação de pessoas, mas há um trabalho de criação de oportunidades que depois o aluno aproveita ou não. Temos mesmo um departamento de gestão de carreiras, mas em última análise depende dos alunos conseguirem concretizar estas possibilidades.

Um dos aspectos fundamentais destes cursos é a sua taxa de empregabilidade. Qual é a vossa? Está a nível de escolas como o MIT?

Ainda não estamos nos ratings por não termos tempo de vida suficiente: é necessário ter cinco anos de turmas graduadas para constar dessas tabelas. O que nós fazemos é medir essas variáveis de acordo com a maneira como os rankings medem. A taxa de empregabilidade três meses depois de os alunos se graduarem e seis meses depois de os alunos se graduarem. Esses dois pontos são medidos. As melhores escolas o ano passado conseguiram 80% de empregabilidade três meses após a graduação. Nós atingimos mais de 80%. Nas grandes escolas, o pressuposto é que seis meses depois todos os graduados obtiveram emprego. Esse é também o nosso caso. Todos os nossos alunos conseguem emprego.

Um dos dados importantes que esses rankings permitem aferir é a possibilidade de mudança de carreira...

Há pessoas que não querem mudar, há pessoas que querem progredir no sítio onde estão. O nosso objectivo é que as pessoas possam progredir ou mudar, conforme a sua vontade. Cada aluno é analisado por nós de uma forma muito individual. A primeira coisa que nós vemos com os alunos é quais são as expectativas que eles têm e se são realizáveis

ou não. Isso é feito pelo departamento de carreiras analisando as suas competências e personalidade. Em última análise isso está directamente ligado à sua força de vontade e ao desejo de mudar. Temos casos de jornalistas que foram para a área farmacêutica, advogados que foram para a consultoria... mudanças extremas, mas foram pessoas que lutaram por isso. No programa fulltime, que é um programa mais dedicado a pessoas que querem mudar, há uma taxa de mudança de 50%. O que é muito bom.



A parte mais divertida do trabalho de Belén de Vicente é imaginar novas actividades e desafios para os Friday Forum

ANTÓNIO PEDRO SANTOS

BI

NOME Belén de Vicente

CARGO

Directora-executiva do The Lisbon MBA

FORMAÇÃO

Licenciada em Engenharia Informática pela Universidade Politécnica de Madrid. MBA da Universidade Católica.

EXPERIÊNCIA Após 15 anos de consultoria em gestão, está há 5 anos a gerir MBA.

Sabem qual é o quadro geográfico da colocação das pessoas no estrangeiro? Esse quadro geográfico é sobretudo determinado pela escolha das pessoas. Quando uns alunos se inscrevem para fazer um lab na China é porque estão interessados nisso por vários motivos: ou porque se interessam pelo país ou porque querem ter no currículo que têm experiência real na China. Posso dizer-lhe que surgiram várias propostas de emprego para alunos que estiveram em lab nesse país.

São vocês que organizam os labs. O que vos leva escolher determinados países em detrimento de outros? Em primeiro lugar, o nosso conhecimento das realidades económicas permitenos dizer que países em desenvolvimento são interessantes para os nossos alunos. Consideramos que um aluno que não tem experiência na Ásia tem uma desvantagem em relação a alunos que a têm. O facto de conhecer a realidade asiática é uma mais-valia num currículo num aluno de MBA. Neste momento estamos a

considerar África como uma área de interesse para fazer labs. Não é um BRIC [acrónimo de Brasil, Rússia, Índia e China], mas abre várias possibilidades aos nossos alunos, por exemplo no sector da energia e no sector social. Mas é evidente que são as potencialidades de desenvolvimento que tornam mais atractivas algumas localizações. Nós começámos com o Brasil e a China por várias razões. Para nós a China é atractiva, para além do desenvolvimento, como uma porta entrada na Ásia. O Brasil, para além de ser um país de língua portuguesa, é atractivo para os nossos alunos estrangeiros, que podem ver em Portugal uma ponte para o Brasil.

Em relação aos vossos alunos estrangeiros, conseguem perceber quais foram as razões que os levaram a escolher o Lisbon MBA?

São os factores de diferenciação do nosso MBA que explicam essa preferência: a relação com o MIT, os Friday Forum e a forma como desenvolvemos as capacidades interpessoais é muito atractiva e inovadora. O facto de estar concentrado num ano e de tirar pouco tempo fora do mercado de trabalho é também relevante, e também é importante as duas escolas (Nova e Católica) estarem bem colocadas nos rankings internacionais e serem as duas melhores escolas de Gestão em Portugal. Finalmente, Lisboa, ela própria, é um atractivo para o MBA, apesar da situação económica. É estranho ser uma espanhola a dizer isso (risos), mas Portugal tem coisas muito boas: é um foco de inovação. Os portugueses são pessoas que se adaptam a novas coisas. Isto faz com que seja um bom lugar de teste para lançar novos produtos. Tudo isso é interessante para um estrangeiro.

Os Friday Forum estão desde o início no Lisbon MBA?

Sim. É muito giro delinear as coisas do zero. Então criamos essa parte do curso e todos os anos adaptamos introduzindo competências que achamos que são importantes. Este ano incluímos um Friday Forum sobre lidar com audiências hostis. Outra coisa que foi objecto de um Friday Forum foi treinar capacidades de jornalistas: vocês recebem pilhas de informação e têm de resumir tudo a um parágrafo

que é essencial. Fizemos um módulo que se chama "escrever sob pressão" que foi leccionado por um jornalista da Reuters que meteu os alunos durante um dia inteiro numa sala com impressoras e faxes que despejavam continuamente informação e os alunos tiveram de redigir uma notícia como se estivessem em contexto de redacção. Foi-lhes explicado como resumir as coisas, como distinguir o essencial do acessório. Um gestor tem de saber fazer isso. Às vezes aparecem relatórios de 300 páginas e um gestor pode ser obrigado a ter uma opinião sobre ele sem ter tempo de ler as 300 páginas. Estamos sempre a observar aquilo de que o mercado precisa, o que é preciso saber, o que outras profissões sabem e o gestor não sabe...

Essa componente do vosso MBA é aquela que mereceu a vossa selecção para finalista de melhor MBA do mundo?

Isso mesmo. Nós candidatámo-nos com os Friday Forum porque achamos que esta é a característica mais diferenciadora do nosso MBA. De facto, foi isso que nos colocou na final e fomos seleccionados.

Quais são as inovações dos vossos concorrentes?

Um das universidades que concorrem connosco apresenta um projecto de empreendedorismo social. A área não é muito inovadora, todas as universidades têm projectos com impacto na sociedade, mas a forma como eles estão a fazer deve ser. Uma outra universidade estabeleceu um MBA especificamente para maoris, uma população autóctone da Nova Zelândia. Desenvolvem uma série de competências valorizando as suas características sociais e culturais. O outro concorrente é diferente, especializou os MBA em indústrias e sectores. Temos dois tipos de finalistas, os que têm maior impacto social e os finalistas com impacto mais business.

Algumas dessas ideias podem ter aproveitamento da vossa parte?

Nós já temos uma componente social. No dia 4 de Novembro os nossos finalistas vão passar o dia a auxiliar as ONG a fazer planos de negócios e ajudar a fazer avançar os seus projectos e fazemos isso em parceria com uma ONG portuguesa, a TESE.



19-10-2011

Tiragem: 27259

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 5,53 x 6,67 cm²

Corte: 3 de 3



Belén de Vicente

The Lisbon MBA
“Todos os nossos
alunos conseguem
emprego”

// PÁGS. 24-25